

## REFLEXÕES SOBRE A CONCEPÇÃO DE LEITURA NO BRASIL: MÍDIA E DISCURSO

Lígia Mara Boin Menossi de ARAÚJO<sup>1</sup>  
Marco Antônio Almeida RUIZ<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste ensaio, temos como tema as representações discursivas do leitor brasileiro contemporâneo; nosso objetivo é observar como a figura do leitor brasileiro está diretamente relacionada à concepção de inteligência, educação e, conseqüentemente, a capacidade de bem governar um país. Nosso trabalho apresenta dois eixos principais que corroboram em algumas reflexões acerca da representação discursiva da leitora e ex-presidenta da República, Dilma Rousseff. No primeiro eixo, há a questão da leitura estar atrelada ao fato do indivíduo ser mais inteligente, assim quem lê seria mais culto, intelectualizado e sabe usar a norma culta, e, por isso, tem maior capacidade de governar; o segundo eixo é o de que devemos sempre lembrar dos livros que lemos para sermos verdadeiros leitores. Nosso material de análise é constituído por uma videomontagem abrigada no site YouTube, tida como humorística, em que o alvo do discurso humorístico derrisório é a ex-presidenta Dilma Rousseff. Para esta nossa empreitada teórica, tomaremos também como material os comentários feitos pelos internautas acerca da videomontagem, considerando os princípios teóricos de Marie-Anne Paveau (2017) acerca das novas mídias e dos comentários digitais.

**Palavras-chave:** Videomontagens. Comentários. Discurso. Representação de leitura.

**Abstract:** In this essay, we have as theme the discursive representations of the contemporary Brazilian reader; our goal is to observe how the figure of the Brazilian reader is directly related to the conception of intelligence, education and, consequently, the ability to well govern a country. Our work presents two main axes that corroborate some reflections about the discursive representation of the reader and former President of the Republic, Dilma Rousseff. In the first axis, there is the issue of reading being linked to the fact that the individual is smarter, so who reads would be more educated, intellectualized and know how to use the cultured norm, and therefore has a greater ability to govern; the second axis is that we must always remember the books we read to be true readers. Our analytical material consists of a video montage hosted on the YouTube site, considered humorous, where the target of derisive humorous discourse is Dilma Rousseff. For our theoretical endeavor, we will also take as material the comments made by Internet users about the video montage in question, considering the theoretical principles of Marie-Anne Paveau (2017) about new media and digital comments.

**Keywords:** Video montage. Comments. Discourse. Reading representation.

<sup>1</sup> Docente do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos. E-mail: ligiamenossi@ufscar.br

<sup>2</sup> Pós-doutorando em Linguística na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em Ribeirão Preto. E-mail: marcoalmeidaruiz@gmail.com.

## Introdução

Neste ensaio, temos como tema as representações discursivas do leitor brasileiro contemporâneo, nosso objetivo é observar como a figura do leitor brasileiro está diretamente relacionada à concepção de inteligência, educação e, conseqüentemente, a capacidade de bem governar um país. Nosso material de análise é constituído por uma videomontagem abrigada no site YouTube<sup>3</sup>, tida como humorística, intitulada *Direto ao assunto: Episódio #02 – Literatura* em que o alvo do discurso humorístico derrisório<sup>4</sup> é a ex-presidenta Dilma Rousseff. Tomaremos também como material a ser analisado os comentários feitos pelos internautas acerca da videomontagem em questão, considerando os princípios teóricos de Marie-Anne Paveau (2017) acerca das novas mídias e dos comentários digitais, que, para esta nossa empreitada, apontariam para as representações discursivas que fazemos da leitura enquanto uma prática.

Primeiramente, apresentaremos o embasamento teórico e metodológico de nossa pesquisa, elencando algumas ideias de estudiosos da área sobre essas representações discursivas do leitor, principalmente as de que quem lê é mais inteligente, mais intelectualizado e que deve se lembrar do que leu. Nossa fundamentação teórica tem como base alguns princípios da História Cultural e a Análise do Discurso de orientação francesa. Após a explanação teórica, apresentaremos algumas análises que, em virtude da extensão de nosso artigo e por uma questão metodológica, serão compostas por recortes da videomontagem e dos comentários que possibilitem nossa investigação.

### 1. Um pouco de teoria...

Nosso trabalho apresenta dois eixos principais que corroboram em algumas reflexões acerca da representação discursiva da leitora e ex-presidenta da República, Dilma Rousseff. No primeiro eixo, há a questão da leitura estar atrelada ao fato do indivíduo ser mais inteligente, assim quem lê seria mais culto, intelectualizado e sabe usar a norma culta, seria menos ignorante, mais instruído e, por isso, tem maior

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qWgol6I-YpY>>. Acesso em 14 de abr. 2020.

<sup>4</sup> Segundo a perspectiva argumentativa de Simone Bonnafous (2003, p. 35), a derrisão é “a associação do humor e da agressividade que a caracteriza e a distingue da pura injúria.” Para Mercier (2001), a derrisão possui virtudes revolucionárias inegáveis porque afirma uma inversão simbólica e temporária da ordem política, é capaz de associar perspectivas de resistências sociais e individuais revelando uma dialética entre contestação e regulação.

capacidade de governar; para analisar essa questão, estaremos embasados nas ideias de Britto (2003a e b) e Abreu (2001, 2006 e 2011) as quais iremos, sucintamente, expor a seguir. O segundo eixo é o de que devemos sempre lembrar dos livros que lemos para sermos verdadeiros leitores, para discutir esse ponto, iremos expor as concepções construídas por Bayard (2007) na obra *Como falar de livros que não lemos?*

A primeira representação discursiva sobre a leitura que iremos expor é aquela que relaciona leitura com inteligência, concepção formada na afirmação de que “o ato de ler é fundamental para o desenvolvimento intelectual dos sujeitos” (BRITTO, 2003a, p.99). Além disso, a leitura, muitas vezes, é tida como algo que eleva o indivíduo e pode salvá-lo da ignorância e da cegueira e, assim, promove a formação intelectual, tornando-o culto e, por consequência, há maior desenvoltura e correção em sua fala ampliando o vocabulário, o que, segundo Britto (2003a), pode ser uma verdade, porém não significa que o livro seja o único meio de informação e desenvolvimento intelectual das pessoas, assistir televisão e ouvir rádio também pode funcionar a favor de tal intento. Contudo, o senso comum tem reproduzido que a leitura é algo necessário sem levar em conta as condições e a inserção social em que ela é realizada, há, portanto, a construção de uma relação de necessidade, como se a leitura fosse produto de subexistência.

Além disso, a leitura seria processada dentro de determinadas condições de produção, digamos que ela se realiza em função da manipulação de sistemas específicos de referência e interpretação constituídos sócio-historicamente que conduzem o indivíduo a assimilar dentro desse quadro algumas referências que farão sentido para ele justamente em virtude de seu posicionamento histórico e social (BRITTO, 2003a). Em outras palavras, segundo a perspectiva da análise do discurso de orientação francesa, o indivíduo pode realizar uma leitura ou entender um discurso segundo as formações discursivas<sup>5</sup> que o engendram; portanto, é possível compreender determinado discurso tendo como margem certos princípios reguladores que formam a base dos discursos efetivos que, nesse caso, seriam as representações discursivas já configuradas pelos discursos efetivos que circulam em diferentes meios em nossa sociedade.

Os enunciados produzidos por determinadas formações discursivas seriam produtos de certa coação sobre o dizer; no caso do nosso trabalho, como veremos, o discurso empreendido pelo produtor da videomontagem pode ser produto de um

---

<sup>5</sup> Sempre que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições, funcionamentos, transformações) entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, teremos uma *formação discursiva*” (FOUCAULT, 2000, p. 43, grifos do autor).

discurso efetivo sobre a leitura que se constrói por meio de um mecanismo de coação que corrobora tanto com a confirmação desse discurso quanto na compilação da interpretação que devemos ter sobre ele.

Desse modo, a leitura não deve ser tomada como prática neutra já que no contato do leitor ou do autor com o texto estão sempre envolvidos aspectos culturais, políticos, históricos e sociais; assim, as diferentes leituras resultam dos diversos modos de inserção nas formas de cultura e como são condicionadas por elas (ABREU, 2001, p. 155).

Voltando a questão de se promover a ideia de inteligência ligada à leitura, Britto propõe duas reflexões sobre as razões de se afirmar alguns mitos como esse. Uma delas é pensar que ao se “considerar o ato em si de ler, desconsidera-se o fato de que se leem textos e que textos são discursos que encerram representações de mundo e sociedade” (2003a, p. 106). É possível considerar que os livros podem servir como um binóculo que nos permite enxergar algo diferente mesmo que esteja distante, mas, ao mesmo tempo, pode limitar nossa visão para aspectos além daqueles que ele revela. Nessa perspectiva, o autor acrescenta outra ideia de que esse mascarar a dimensão política de leitura permite que qualquer leitura possa ser considerada boa, o importante seria ler, ler sem estabelecer posicionamentos críticos e reflexão sobre o que se está lendo.

Isso possibilita a emergência da valorização e a divulgação de textos que reproduzem a ideologia do senso comum nas quais é possível separar os livros (em estantes das livrarias, por exemplo) conforme a faixa etária e o sexo que podem compartimentar os conteúdos transformando-os em verdades absolutas e, por consequência, podem promover a reprodução das atitudes. Tudo isso, fomentado por empresas de produção de texto e informação que visam produzir objetos de leitura do mesmo modo que se produz outros objetos da cultura de massa, como: revistas, programas de rádio e TV sendo que sua diversidade ou valorização seria direcionada segundo os interesses econômicos e políticos da indústria (BRITTO, 2003a).

E, segundo esses mesmos interesses, é que alguns tipos de leitura são mais valorizados que outros como naquelas célebres listas divulgadas em jornais e revistas e que os envolvidos na sua elaboração realmente acreditam que ninguém pode deixar de ler (ABREU, 2006); ponderamos que essas listas, os chamados *best sellers*, de alguma maneira, possam refletir os interesses políticos, econômicos e sociais. Tomando essas listas sobre outro olhar, elas reforçam a ideia de que a leitura é para “poucos e bons”, isto é, aqueles livros que muitas pessoas leem não servem, os realmente bons são os que

poucos leem, pouco entendem e não gostam de quase nada, essa concepção brota do fato de muitos sujeitos ao se depararem com listas do melhores do século, por exemplo, perceberem que ainda não leram nenhuma daquelas obras e os que se propõem a realizar a leitura é que serão vistos como verdadeiros intelectuais. Assim, os discursos convencionais sobre leitura propagam o conceito de que existem leitores de segunda categoria que não se utilizam da norma culta da língua e não leem as obras indicadas pela literatura escolar e, por isso, eles podem ser considerados até como cidadãos de segunda categoria (ABREU, 2001).

Uma leitura fácil seria menos produtiva, portanto, pessoas realmente inteligentes, leem textos mais difíceis isto porque os livros que lemos (ou não lemos, como veremos posteriormente) e as opiniões que propagamos sobre eles compõem parte de nossa imagem social; portanto, uma pessoa que quer passar a imagem de mais erudita irá ler James Joyce, e não Paulo Coelho, além disso, terá que afirmar sua desaprovação sobre *O Alquimista* mesmo tendo lido e gostado e sua admiração por Ulisses sem ter entendido nada da obra. Em suma, aprendemos na escola o que devemos dizer sobre livros e autores independente de nosso gosto pessoal (ABREU, 2006). Assim, o prestígio dado à forma do livro impresso e a alguns gêneros (clássicos da literatura), por exemplo, é que se consideraria leitura; entretanto, os textos de diversas origens, a leitura utilitária, a de trabalho e todas aquelas que nos ajudam na resolução dos problemas pragmáticos e profissionais do dia a dia não seriam considerados leitura.

Logo, retomando a ideia exposta inicialmente que ler seria sinônimo de intelectualidade e inteligência, estar lendo um livro sempre, fazer da leitura um hábito diário e rotineiro em que se deve ler muitos e bons livros também é uma imagem cristalizada sobre a leitura no Brasil. De tal modo que nunca se pode dizer que "não se está lendo livro" porque há um discurso pedagógico e acadêmico de que ler precisa se tornar um costume, que as crianças e os jovens de hoje não tem o hábito da leitura<sup>6</sup>, e hábito se traduz simplesmente, segundo esse discurso, como a ininterrupção da leitura, do sempre estar lendo algo.

---

<sup>6</sup> A cada quatro anos, o Instituto Pró-Livro, tem oferecido uma cartografia da leitura no Brasil, ressaltando o perfil do leitor brasileiro. A última pesquisa fora realizada em 2016 e publicada em formato de livro ([http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016\\_LIVRO\\_EM\\_PDF\\_FINAL\\_COM\\_CA\\_PA.pdf](http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016_LIVRO_EM_PDF_FINAL_COM_CA_PA.pdf)). Em uma das suas passagens, a organizadora Zoara Fiaila afirma que “seus resultados [da pesquisa] possibilitam avaliar o impacto das políticas e ações, identificar avanços e impasses e subsidiar outros estudos para aprofundar o conhecimento sobre as principais questões que envolvem a formação leitora e a melhoria da qualidade e dos indicadores de leitura dos brasileiros” (FAILLA, 2016, p. 23). Acesso em 14 de abr. 2020.

Estar lendo um livro é estar sempre em contato com eles e a presença abundante de livros espalhados pela casa ou em bibliotecas também dentro dos lares, poderia ser sinônimo de leitura, inteligência e intelectualidade por parte daqueles que os possuíam, pois os sujeitos proprietários dessas obras entrariam frequentemente em contato com o avanço das ciências e das artes. Ao mesmo tempo, é essa concepção de leitura que faz emergir a ideia de que no Brasil não se lê, de que livros são pouco vendidos e a educação é ruim. Essa imagem de erudito entendida como aquele que acumula esses “símbolos de sucesso intelectual” em uma biblioteca particular e tem livros abertos pela casa são formas de representação da leitura dos séculos XIX e XX que ainda permanecem (ABREU, 2001, p. 148) junto com a concepção de que para se obter um espírito crítico e tornar-se uma pessoa melhor, seria preciso estar em contato com livros e, por conseguinte, experiências e ideias registradas por escrito. Todavia, essa concepção de que um bom leitor deve estar rodeado de livros é relativamente recente já que, durante alguns séculos, a quantidade de obras disponíveis era pequena, seu preço alto e o livro era algo sagrado, lido e relido por poucos (ABREU, 2011).

Quanto às concepções que tecemos até o momento de como é constituído o “verdadeiro” leitor no Brasil, corroboramos com Britto (2003a) quando afirma que determinadas práticas de leitura não podem ser consideradas mais relevantes que outras formas de recepção de informação ou atividades de entretenimento (como assistir um programa de TV ou ver um filme). O que é mais importante ressaltar nessa discussão, é o fato de tais práticas leitoras que reproduzem o senso comum, tentarem relatar a vida como ela é sem margem para questionamento acerca do que asseveram; nessas práticas, não há um engajamento do leitor com o “processo de reelaboração do saber constituído e, muito menos, questionamentos dos valores veiculados” (2003 a, p. 110). Em outras palavras, diríamos que essa leitura sem reelaboração e ampliação dos conhecimentos tanto linguísticos quanto argumentativos e que não aumenta a capacidade de leitura do mundo não contribui substancialmente para a ideia do sujeito tornar-se mais inteligente ou dotado de um grau de informação mais elevado. A leitura quando não mais tomada como verdade ou criação original, mas como produto de posicionamento político diante do mundo poderá fomentar no indivíduo maior consciência sobre o ato de ler desmitificando a leitura e reconhecendo os interesses dos produtores e divulgadores dos livros (2003a, p.100).

Além da representação da leitura de que quem lê é mais inteligente, outra representação é aquela de que tudo que lemos nós obrigatoriamente nos lembramos e

quando não nos lembramos do que lemos, nos sentimos culpados, somos vistos como não-leitores, somos vistos como uma fraude e, por isso, inventamos formas de falar dos livros que não lemos, que lemos e esquecemos, que lemos apenas o início e o final, por exemplo.

Assim, ler e lembrar o que leu é tido como uma equação certa; todavia, essa afirmação é um equívoco, pois, segundo Bayard (2007), a leitura está intrinsecamente ligado ao movimento do esquecimento que eclode assim que se inicia o ato de ler que, conseqüentemente, não pode ser tomado somente como o conhecimento de um texto ou a aquisição de um saber. Entendemos, tomando essa ideia de Bayard, que no momento que começamos a leitura, também começamos a esquecer do que lemos até o momento em que se apagam todas informações e o resultado é a impressão que não lemos aquela obra, passamos a ser não-leitores. Em suma, é possível dizer que a longo ou curto prazo, aquela leitura está condenada ao desaparecimento; assim, os comentários que possamos tecer sobre ele no futuro serão “lembranças aproximativas, remanejadas em função das circunstâncias do tempo presente” (2007, p.70).

Esse processo de apagamento é “progressivo e sistemático” já que atinge todos os componentes do livro, um após o outro, autor, texto se apagam tão rápido quanto entraram. Neste sentido, o livro não seria mais do que um suporte transitório de uma determinada sabedoria e fossem desaparecendo porque sua função já teria sido cumprida, a de levar uma informação de entregar uma mensagem. Entretanto, mesmo tendo esse aspecto, a angústia criada pela necessidade de falar com os outros sobre o que lemos e não podemos fixar não termina (p.72). Além disso, o autor discute ainda que os livros que guardamos na memória não são homogêneos, mas apenas fragmentos da leitura realizada podendo ser essa leitura integral ou parcial sendo que, muitas vezes, essas informações estão misturadas com as de outros livros, além disso, todas elas têm a possibilidade de serem redistribuídas por nossas fantasias pessoais.

Cabe, então, falarmos da *desleitura* citada pelo autor como esse movimento ininterrupto de esquecimento dos livros ao qual estamos submetidos e que é composto pelo tempo do desaparecimento e pela mistura de referências que modifica os livros possibilitando sua redução a apenas títulos ou a lembranças de algumas páginas vagamente quando percorremos a superfície de nossa consciência. Ler, portanto, é esquecer e isso pode tranquilizar aqueles que idealizando o processo de aquisição de cultura já que os livros não estão propriamente ligados ao conhecimento, mas a perda de memória também, a perda de identidade, é por esse caminho que devemos refletir

quando falamos de leitura, há, portanto, algo além do lado positivo e acumulativo do contato com os livros. Entretanto, como já mencionamos, essa ideia da leitura como perda e não como ganho é benéfica já que qualquer leitor pode ser um não-leitor involuntário mesmo diante de livros que se tem a convicção de dominar, esse fato pode constituir um fator psicológico essencial, segundo Bayard, para construirmos possibilidades para nos desembaraçarmos de situações difíceis as quais nos deparamos durante nossa vida como leitores (2007).

## **2. Dilma: uma leitora legítima?**

O leitor, como nos conduz o imaginário social, deve ser um exemplo já que ele é tido como símbolo de inteligência e cultura; além disso, ele deve sempre se lembrar do que leu ainda mais quando pretende ocupar o cargo de maior liderança do país, a presidência da República. Assim, se for um bom leitor, por consequência, é inteligente, culto e terá capacidade para bem governar; entretanto, se esses atributos não forem apresentados pelo candidato, no caso candidata, então ela não tem condições de bem governar o país.

Como já citamos no início do trabalho, teremos dois focos principais para tentar mostrar como se constroem essas representações discursivas do leitor brasileiro em nosso material de análise; em outras palavras, nosso questionamento está focado em investigar as coerções que atuam sobre esse dizer (os comentários dos internautas acerca da videomontagem), sobre quem é o verdadeiro leitor em nosso país. Assim, nosso material de análise é composto por uma videomontagem postada no YouTube e os comentários tecidos pelos internautas logo a seguir e que, como veremos, poderão apontar para essas representações já cristalizadas em nosso país. Para tanto, empreendemos a seguinte definição de comentário, segundo Marie-Anne Paveau (2017): “entendemos o comentário online como um texto produzido por internautas da web em espaços de escritura dedicados, tais como blogs, sites de informação e de redes sociais à partir de um texto primeiro (p. 36, trad. nossa)”.

O YouTube, por exemplo, é um espaço bastante interessante e fonte de inesgotáveis materiais para os analistas de discursos, pois contém além dos vídeos, fotomontagens, videomontagens, entre outros, que corroboram a construção de diferentes efeitos de sentido em torno da figura política de Dilma Rousseff, por exemplo. Segundo Burgess (2009):



O *YouTube* não é somente mais uma empresa de mídia e não somente uma plataforma de conteúdo criada por usuários. É mais proveitoso entender o *YouTube* (a empresa e a estrutura de site que fornece) como ocupante de uma função institucional – atuando como um mecanismo de coordenação entre a criatividade individual e coletiva e a produção de significado; e como um mediador entre vários discursos e ideologias divergentes voltados para o mercado e os vários discursos voltados para a audiência ou para o usuário (p. 60, grifos nossos).

Assim, a plataforma permite uma interação entre o produtor do vídeo e os internautas que os veem, tecem comentários, há, também, a opção de curtir ou não curtir por meio do *Like*, ou seja, trata-se de uma forma de interação entre sujeitos em diferentes papéis sociais, de produtor, de comentaristas etc. Faremos uma breve descrição/interpretação do nosso material de análise e, em seguida, traremos os recortes dos comentários, retomando alguns dos pressupostos teóricos de Paveau (2017), para a composição de nosso esboço inicial de análise.

Intitulada *Direto ao Assunto: Episódio #02 – Literatura*<sup>7</sup>, a videomontagem compõem uma “série” de seis episódios e seu produtor utiliza o pseudônimo de *exilados na rede*. Com o tempo de 52 segundos, tem como alvo principal do discurso humorístico derrisório<sup>8</sup> a ex-presidenta da República Dilma Roussef, a videomontagem foi postada no dia 29 de abril de 2010, período que antecedeu às eleições daquele ano. Composta por slides que carregam o discurso do produtor da montagem e trechos de uma entrevista da então candidata, a videomontagem traz, na visualização dos trechos da entrevista, a inserção de imagens e sons que carregam o sentido que o produtor pretende construir acerca do tema principal tratado: a leitura.

O primeiro slide traz a imagem abaixo (figura 1) com o seguinte discurso: “? Direto ao assunto com a ex-ministra do Presidente Lula!”, enquanto o visualizamos ouvimos uma espécie de *jingle* em que é possível perceber um assobio e alguns

<sup>7</sup> Legenda do vídeo: “Talk-Show com a ex-ministra do Presidente Lula. Assunto de Hoje – Literatura – Este é um vídeo de humor. Comentários ofensivos serão deletados. É possível ser crítico sem incorrer a infrações. [www.twitter.com/exilado](http://www.twitter.com/exilado)”.

<sup>8</sup> Entendemos que a videomontagem é de humor porque há uma quebra de expectativa no que será mostrado; além disso, na página onde está postada, o produtor da videomontagem inseriu a seguinte legenda indicando o caráter humorístico do vídeo: “Talk-Show com a ex-ministra do Presidente Lula. Assunto de Hoje – Literatura – Este é um vídeo de humor. Comentários ofensivos serão deletados. É possível ser crítico sem incorrer a infrações. [www.twitter.com/exilado](http://www.twitter.com/exilado)”. Com essa observação ele pode eximir-se de qualquer represália, característica fundamental/importante para o discurso de humor. Ao enfocar a degradação da figura de Dilma Roussef, nos permite afirmar que trata-se de derrisão que segundo a perspectiva argumentativa de Simone Bonnafous, é “a associação do humor e da agressividade que a caracteriza e a distingue da pura injúria” (2003, p. 35).

instrumentos; em suma, podemos inferir que a música é de alguém que assobia distraidamente de modo descontraído:



Figura 1 (00:04 – 00:14)



Figura 2 (00:05 – 00:10)

Em seguida, é inserida outra imagem (figura 2) que vai se formando em alguns segundos, nela visualizamos um quadro negro ou lousa, característicos das salas de aula, com a seguinte pergunta redigida com o giz branco: “Ex-ministra do presidente Lula, quais são os seus livros preferidos?”. O produtor, então, traz o recorte do que supomos ser uma entrevista em que a candidata “responde”: “Bom...<sup>9</sup>, livros, né..., eu estou lendo um livro que está me fugindo... tentei falar um pouco sobre a novela pra ver se eu lembrava o nome do livro...”.



Figura 3 (00:16)



Figura 4 (00:29)

Enquanto Dilma fala a câmera mostra as pessoas ao seu lado e movimentação de uma delas que sai de trás da câmera e se aproxima da mulher de óculos que está ao lado de Dilma, como podemos visualizar na figura 3, por aproximar-se bastante da mulher sentada ao lado de Dilma, supomos que ela esteja falando algo em tom baixo, o produtor da videomontagem insere então uma flecha vermelha que pisca apontando para mulher de óculos sentada ao lado da candidata e, ao mesmo tempo, ouvimos uma sirene.

<sup>9</sup> As reticências usadas na transcrição representam uma pausa na fala.

E a candidata continua: “...e não lembro...do Sándor Márai<sup>10</sup>, o livro chama, as, as, as brasas, isso mesmo, as brasas...”.

Nesse trecho do vídeo, há a inserção de três imagens no rodapé que geralmente aparecem em programas de perguntas e repostas (figura 4), os denominados *quizz show* em que o candidato tem de responder corretamente as perguntas para ganhar prêmios, contudo, ele tem ajuda para conseguir responder corretamente, as três imagens representam essa ajuda que o candidato pode solicitar, “das cartas, dos convidados ou das placas”.

Observamos que o terceiro ícone placas está com um X como se a candidata já tivesse utilizado essa opção, os três ícones desaparecem para segundos após o segundo ícone ser assinalado com um X, este é o dos convidados, isto é, Dilma teria pedido ajuda porque não saberia, de imediato, a resposta, ideia que corrobora com a ação da ex-presidenta em olhar para o seu lado esquerdo onde está sentada a mulher de óculos, fato que nos conduz a entender e interpretar que essa pessoa fala para Dilma o nome do livro (supostamente dito pela mulher que aparece na imagem no início do vídeo – figura 3) e que é confirmado porque é possível ouvirmos alguém dizer “brasas”, trecho em que Dilma diz “é isso mesmo, as brasas” já transcrito acima. Em seguida, Dilma continua: “..é talvez uma das... (há uma pausa na fala de 4 segundos e quando a imagem “volta”, ouvimos uma campainha)...assim, me impactou muito, eu conclui ele ontem a noite rapidinho porque eu consigo lê no domingo...”. Entram palmas e aparece novamente o slide do início da videomontagem já descrito (figura 1).

Na página onde está postada, encontramos os comentários dos internautas que usam, muitas vezes, pseudônimos para se identificar, há também a informação de que, até nosso último acesso<sup>11</sup>, foram feitos 191 comentários, de todos eles que tecemos a leitura, selecionamos os que podem nos oferecer as melhores pistas sobre as representações do leitor e, como já explanamos, nosso procedimento metodológico e de recorte desses comentários esteve atrelado há basicamente duas coerções sobre o dizer,

---

<sup>10</sup> “*As brasas* é um romance sobre a amizade, a paixão amorosa e a honra. Conta a história de dois homens que não se veem há 41 anos. Foram amigos inseparáveis na infância, mas um dia, em 1899, um deles desapareceu. Algo muito grave aconteceu naquele dia, e é esse o enigma que agora, já no fim da vida, eles vão decifrar. Move-se entre os dois, o fantasma de Kriztina, por quem eles travarão um duelo que se inicia como um civilizado jogo de esgrima, mas logo se torna uma luta árdua, embora os duelistas só disponham de uma arma: as palavras. O húngaro Sándor Márai nasceu em 1900. Exilou-se em 1948, inconformado com a implantação do comunismo em seu país. Em 1979, fixou-se nos Estados Unidos, onde se suicidou. *As brasas* é sua primeira obra lançada no Brasil”. Disponível em: <<http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=11148>>. Acesso em: 20 de agosto de 2018.

<sup>11</sup> Acesso em 20 de agosto de 2018: <http://www.youtube.com/watch?v=qWgol6I-YpY&feature=relmfu>.

o primeiro de que a leitura é sinônimo de inteligência e o segundo que devemos sempre nos lembrar dos livros que lemos. Há outros discursos que acompanham essas duas ideias, como aquele que afirma que devemos possuir ou estar em contato com muitos livros para mostrar que somos verdadeiros intelectuais.

Assim, os comentários abaixo caracterizam-se como a fonte do nosso dizer, eles são exemplos de como constitui-se a representação da leitura. Visualizando a página, sem modificar o modo de exibição dos comentários que estão abaixo da vídeomontagem, encontramos os que foram transcritos abaixo. Vejamos:

C21<sup>12</sup>: **...como o Brasil vai valorizar a educação se os nossos presidentes são um bando analfabetos?** (Kanes4life)<sup>13</sup>.

C24: **...votem Dilma e promovam a burrice!** (rezzinhahh).

C33: **Engraçado que ela concluiu no dia anterior, e não se lembra o nome do Livro ???** (mofado85).

C45: **Eu tentei falar um pouco da novela pra ve se lembrava..isso ai deve ter visto esse livro em algum lugar, pq se ela tevece lendo ela teria na ponta da lingua** (jacksonjuni).

C51: **Uma candidata que não lembra de nenhum livro que tenha lido, que beleza. E nós temos que se matar de ler vários livros pra ser alguém na vida.** (andreluizgf).

C55: **Então o seu voto vai para alguém que nem sequer lê algum livro??!!!** (TheFMoresco).

C89: **É isso que dá falta de conhecimento e de cultura...** (Angela Plass).

C96: **Vê só se pode a pessoa ler um livro que se intitula "As Brasas" e não se lembrar mais o nome do livro...hahahahaha e diz que terminou de ler no domingo** (paulino gerente).

Após assistirmos a vídeomontagem, notamos que o discurso humorístico pretende construir a ideia de que a então candidata à presidência não leu o livro que cita na entrevista, pois, como vimos, uma terceira pessoa se aproxima para supostamente dizer qual obra Dilma deveria citar já que, de alguma maneira, não seria permitido dizer que ela não estaria lendo um livro.

Além disso, quando Dilma não se lembra do nome do livro que julgamos que ela estaria lendo, possibilita a construção do simulacro<sup>14</sup> que afirma que ela é mentirosa

---

<sup>12</sup> C para comentário extraído da página e o número que segue (no caso 21) para indicar o número do comentário levando em conta sua posição na sequência dos 316 comentários postados.

<sup>13</sup> Entre parênteses está o pseudônimo do autor do comentário.

(todo político é mentiroso) e enseja a emergência de um discurso que atesta que se ela não se lembra é porque não leu (como no comentário 55) e quem não lê, não é inteligente, não é intelectual e, por isso, não tem competência para bem governar o país.

Segundo Paveau (2017), os comentários online são constituídos como formas de tecnodiscursos em que possibilitam a reformulação de certos estereótipos e a sua consequente cristalização de imaginários sociais. No caso em questão, vemos constantemente a retomada do ato de ler como algo do fator cultural, intelectual e que, na falta, ou no esquecimento, talvez, como representada pela ex-presidenta, a tornaria “menos inteligente”, “burra”, afetando, de certo modo, ao seu próprio mandato como representante de um país.

Além disso, Paveau (2017) considera tais perspectivas de se analisar um comentário online como formas tecno-linguageiras que integram plenamente dois tipos de dimensão, a tecnológica e a languageira e, que, com isso, para a sua constituição, passa por alguns tratamentos que a autora classifica em tipos de comentários, tais como: o de enunciação pseudônima, da relatividade, da conversacionalidade e da recursividade, aumento enunciativo e discursivo e, por fim, da publicidade e visibilidade. Não entraremos no mérito de todos os tipos devido ao pouco espaço que temos, todavia, levantaremos para esta análise dois tipos: conversacionalidade e a recursividade e; a publicidade e visibilidade.

Em se tratando do primeiro tipo, Paveau (2017) assevera que a análise conversacional definiu a conversação por um conjunto de elementos nos quais as sequências de abertura e de fechamento são marcadas por segmentos languageiros específicos (p. 43, trad. nossa). Assim, como abertura a esse tipo de conversação digital, apenas as formalidades de cumprimento (como, por exemplo, de saudação) não são suficientes, dado o ambiente digital, é preciso, assim, dispor de janelas de comentários disponíveis que possibilitam tal interação, responsáveis pela troca entre os interlocutores, chamados, pela autora, de tecno-discursivos. Já as sequências de fechamento, no caso da comunicação digital, não existiriam, pois, os comentários permanecerão abertos e toda a conversação pode continuar, trata-se, desse modo, da recursividade, em que a variação de um mesmo tema – e conseqüentemente, a reafirmação de um certo estereótipo – pode contribuir na cristalização de uma certa

---

<sup>14</sup> Segundo Maingueneau (2008), o simulacro é a tradução do Outro no discurso do Um, isto é, a tradução do discurso do outro no discurso do sujeito produtor das vídeomontagens corrobora na formação de novos sentidos segundo a formação discursiva do sujeito produtor.

ideia<sup>15</sup>. No segundo tipo de comentário, encontramos o aumento enunciativo e discursivo, em que ele é produzido a partir de um tecno-discurso primeiro capaz de promover o aumento por meio de diferentes razões. Num primeiro plano, Paveau (2017) define o aumento em relação à enunciação editorial, cujo comentário se integra ao texto inicial, já em relação ao plano discursivo, os comentários são responsáveis por prolongar assuntos do texto, em que o autor tece seus argumentos e, com isso, atualiza o texto primeiro.

Vemos, pois, nos comentários acima destacados, um tipo de “reforço” de estereótipos que valorizam a polidez e a intelectualidade, por exemplo, como resquícios de um povo educado, a leitura diária torna o cidadão bem informado. Os comentários digitais, abertos no canal YouTube, reverberam o que Paveau afirma sobre o processo de interação, os vídeos ainda em circulação permitem reverberar (ou não) tal imaginário estereotipado em relação à Dilma e o espaço torna-se um meio de persuadir os interlocutores na construção de um simulacro de da ex-presidenta, uma pessoa “não dedicada”, “mal informada”, justamente por não se lembrar do livro que estava lendo. Como a representante de um país, que precisa estar atenta a muitos relatórios e documentos no dia a dia, lida com a leitura se ela não consegue lembrar do título do livro que lê? Vemos que tais comentários na mídia digital contribuem também para o processo de recursividade, como chamou Paveau (2017), um mesmo assunto, a leitura e a Dilma, adquirem diferentes combinações linguísticas de formação, isto é, as frases podem ser reestruturadas sintaticamente, com períodos e formações de palavras distintas, todavia, sempre buscam (des)construir a imagem de não leitora a partir de simulacros.

Como observamos no comentário 21, Dilma seria analfabeta por não estar lendo um livro, seria uma não leitora, já no comentário 24, votar em uma não leitora seria promover a burrice, pois quem não lê é burro ou, no comentário 89, em que não ser um

---

<sup>15</sup> Hoje, já é possível encontrar muitos outros comentários acerca da videomontagem, discursos que são produzidos no interior do interdiscurso e que reverberam diferentes formações discursivas dos leitores, à favor ou contrárias as de Dilma Rousseff. Em outras palavras, o espaço dos comentários pode abrigar um conjunto de temas pregnantes que refletem a situação de enunciação e que recupera, assim, outros discursos. Por exemplo, um internauta, de identificador Thiago Aristides, produz a seguinte afirmação: “O nome do livro é ‘o meio ambiente é uma ameaça’”. Sem fazer referência direta, mas ainda sim criticando a falta de conhecimento da então candidata ao nome do livro esquecido, retoma um discurso de Dilma, também destacado em outra videomontagem dessa série “Direto ao assunto”, cujo tema era meio ambiente (episódio #2 – Meio Ambiente: <<https://www.youtube.com/watch?v=8wllFaF2r4c>>. Ou seja, no fio do seu discurso, num conjunto do tecnodiscursivo, como afirma Paveau (2017), temos a retomada de outros discursos de Dilma que são usados, pelo internauta, como forma de desqualificação, comentários que são produzidos a partir de outros já pré-construídos no “todo complexo com o dominante” (PÊCHEUX, 2014, p. 149). Acesso em 17 de out. 2018.

verdadeiro leitor e não estar em contato com os livros gera falta de conhecimento e cultura. Contudo, ler em si, não torna ninguém melhor e não compila valores como sabedoria, competência ou honestidade, assim relacionar leitura com inteligência, com competência com grau de formação elevado é um equívoco (BRITTO, 2003).

Ainda no comentário 21, notamos que o uso do plural em “nossos presidentes”, nos permite pensar na referência ao ex-presidente Lula que seria também um não leitor – pelo estigma que lhe foi atrelado durante seu mandato – e, por isso, seria menos culto já que leitura além de sinônimo de inteligência é também um caminho para a intelectualidade. A leitura é vista como algo que pode salvar o indivíduo da ignorância e da cegueira, fato que pode ser comprovado quando lemos o comentário 51: “temos que se matar de ler vários livros pra ser alguém na vida”, assim para ser alguém na vida é preciso ser leitor. Porém, devemos considerar que há outros meios do indivíduo tornar-se um cidadão instruído como ouvir rádio ou assistir televisão, o que deveria ser contemplado é a capacidade de refletir, contrapor e discernir que também pode ser exercitada por meio de outros mecanismos além da leitura e dos livros (BRITTO, 2003). A leitura teria um poder redentor de tornar as pessoas mais ricas, poderosas, o que não é lógico nos dias atuais, no entanto, esse discurso é recorrente apesar da falta de veracidade, pois nem sempre quem lê pode conseguir alcançar patamares sociais melhores.

O que pode modalizar e conduzir o entendimento de que a candidata não tenha lido, como já dissemos, é a construção de um simulacro no momento em que o produtor das videomontagens recorta seu discurso e traz para a sua produção os trechos que podem contribuir para o sentido pretendido que é sustentado pelas formações discursivas dos internautas. Formações discursivas que têm o leitor como sinônimo de inteligência e por ser inteligente ele deve se lembrar do que leu e em virtude desse discurso promovido pela vídeomontagem é que surgem discursos Outros, como no comentário 45: “pq se ela tivece lendo estaria na ponta da lingua”.

Nos comentários 33 e 96, verificamos que há afirmações em torno da ideia de que devemos sempre nos lembrar dos livros que lemos, entretanto, a leitura, segundo Bayard (2007), está constitutivamente ligada ao movimento do esquecimento, quando iniciamos a leitura já começamos também a esquecer o que estamos lendo, ela vai desaparecendo de maneira simultânea ao ato de ler e assim vamos nos tornando não leitores. Esse apagamento é o processo de desleitura que pode atingir todos os componentes do livro como o título salientado no comentário 96.

De modo sucinto, diríamos que se a candidata mentiu, ela não leu o livro, ela é uma não-leitora, não está em contato com a cultura, a sabedoria, não é intelectual, não tem capacidade para bem governar. A candidata não tem, portanto, domínio sobre o que leu, sobre um “protocolo social de base escrita” que se sustenta nas impressões vagas, conceituações imprecisas e tácitas que se tem sobre a leitura (BRITTO, 2003).

### **Considerações finais**

Dentro da multimodalidade textual em que está inserido nosso material de análise, verificamos a co-presença de diferentes sistemas semióticos (verbal e não verbal) o que permitiu que apreendêssemos e constatássemos algumas representações do leitor na mídia de maneira inovadora em virtude deste novo suporte, um site que abriga vídeos e que permite que os internautas postem comentários.

Além disso, nesse ambiente virtual, há um protocolo de leitura que possibilita ao produtor da videomontagem conduzir a interpretação e produzir simulacros a partir de formações discursivas distintas e assim obter o efeito de sentido pretendido. A edição feita pelo seu produtor tece pontos de orientação do sentido que são materializados nos comentários que corroboram com algumas representações de leitura historicamente estabelecidas.

Essa concepção pronta trazida pelo senso comum de leitura como algo necessário confirma a ideia de leitura engajada em concepções sócio-históricas pré-estabelecidas; o indivíduo realiza determinada leitura levando em conta somente a sua formação discursiva e de alguma maneira ignora outras concepções de leitura, outras formações discursivas. Todavia, o que deveria ser contemplado seria a capacidade de reflexão e o discernimento ao nos depararmos com a diversidade e a plasticidade não só dos livros, mas também de todos os suportes onde possamos encontrar o registro sobre as ideologias, a história e os discursos que nos constituem.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABREU, M. *Diferença e Desigualdade em leitura*. In: MARINHO, M. (org.) **Ler e Navegar: espaços e percursos da leitura**. Campinas: *Mercado de Letras*, 2001. (p.139-157).



ABREU, M. *Diferentes formas de ler*. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio6.html>. Acesso em: 20 de novembro de 2011.

ABREU, M. *Literatura, leitura, cultura*. In: **Cultura Letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Editora Unesp, 2006. (p. 9- 41)

BAYARD, P. **Como falar dos livros que não lemos?** Rio de Janeiro: *Objetiva*, 2007.

BARONAS, R. L.(org.) **Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. 2ª. ed. revisada e ampliada. São Carlos: *Pedro & João Editores*, 2011.

BONNAFOUS, Simone. *Sobre o bom uso da derrisão em J. M. Le Pen*. Trad. de Maria do Rosário Gregolin e Fábio César Montanheiro. In: GREGOLIN, M.R. (org.) **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: *Claraluz*, 2003. p. 35-48.

BRITTO, L. P. L. *Leitura e Participação*. In: **Contra o consenso: cultura escrita, educação e participação**. Campinas: *Mercado de Letras*, 2003a. (p. 99-114).

\_\_\_\_\_. *O leitor interdito*. In: **Contra o consenso: cultura escrita, educação e participação**. Campinas: *Mercado de Letras*, 2003b. (p. 143-164).

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. Trad. Ricardo Giassetti. São Paulo: Aleph, 2009.

Direto ao assunto: Episódio #02 – Literatura. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=qWgol6I-YpY&feature=relmfu>. Acesso em 15 de out de 2018.

FAILLA, Zoara (Org.). *Retratos da leitura no Brasil 4*. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. Disponível em: [http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016\\_LIVRO\\_EM\\_PDF\\_FINAL\\_COM\\_CAPA.pdf](http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016_LIVRO_EM_PDF_FINAL_COM_CAPA.pdf). Acesso em 17 de out. 2018.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. 6ª ed. Rio de Janeiro: *Forense Universitária*, 2000.

PAVEAU, Marie-Anne. **L'Analyse du discours numérique**. Dictionnaire des formes et des pratiques. Paris: Hermann, 2017.

### Como referenciar este artigo:

ARAÚJO, Lígia Mara Boin Menossi de; RUIZ, Marco Antônio Almeida. Reflexões sobre a concepção de leitura no brasil: mídia e discurso. revista *Linguasagem*, São Carlos, v.38, n.1, jan./jun. 2021, p. 164-180.